

O CONJUNTO ABALUARTADO DE ÉVORA

Ana Teresa de Sousa



Edição, distribuição e vendas:
SÍLABAS & DESAFIOS – UNIPessoal, LDA.
NIF: 510212891
www.silabas-e-desafios.pt
info@silabas-e-desafios.pt

Sede:
Rua Dorelia Carmona, nº 4, 4 Dt
8000-316 Faro
Telefone: 289805399
Fax: 289805399
Encomendas: encomendar@silabas-e-desafios.pt

TÍTULO
O CONJUNTO ABALUARTADO DE ÉVORA

AUTORA
ANA TERESA DE SOUSA

1ª Edição
Copyright @ Junho 2015
Sílabas & Desafios, Unipessoal Lda.
ISBN: 978-989-99310-1-5
Depósito legal:

Pré-edição, edição, composição gráfica, paginação e revisão: Sílabas & Desafios Unipessoal, Lda.
Pré-impressão, impressão e acabamentos: Gráfica Comercial, Loulé

Capa: Joana Guita Pinto; <http://www.ladybug-ctrlc.com/>

Reservados todos os direitos. Reprodução proibida. A utilização de todo, ou partes, do texto, figuras, quadros e gráficos, deverá ter a autorização expressa do autor.

Agradecimentos

Este livro foi produzido na sequência da Dissertação de Mestrado O Conjunto Abaluartado de Évora – Proposta de Salvaguarda e Valorização, no âmbito do Mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural.

Agradeço à Prof. Doutora Antónia Fialho Conde pela orientação valiosa, comentários e sugestões que, em grande parte, contribuíram para a elaboração e fomentação desta obra.

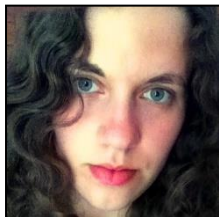
Um agradecimento especial à Câmara Municipal de Évora e ao CIDEHUS por ajudarem na divulgação desta obra, quer a nível cultural, quer académico.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus pais, que são a base do meu ser e das minhas conquistas.

A edição deste livro contou com o patrocínio da CPHM (Comissão Portuguesa de História Militar) que em boa hora decidiu apoiar a publicação deste livro e, assim, permitir que ele chegasse a um público mais vasto e interessado nestas temáticas.

Ana Teresa de Sousa

A Autora



Ana Teresa de Sousa – Mestre em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, ramo Património Artístico e História de Arte, pela Universidade de Évora (2013). Colaboradora como bolseira de investigação do CIDEHUS (Centro interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades). Bolseira do projecto PTDC/HIS-HIS/118227/2010 – *Grupos intermédios em Portugal e no império português: as familiaturas do Santo Ofício (c. 1570-1773)*, desde 2013.



Forte de Santo António, (secção sul) projectado depois de 1650, no reinado de D. João IV, pelo engenheiro militar Nicolau de Langres. Destinou-se a proteger o Convento de Santo António da Piedade, edificado no seu interior.

Na capa: Baluarte do Assa – efeito aguarela sobre fotografia da autora

Índice

| | |
|--|------------|
| PREFÁCIO | 13 |
| INTRODUÇÃO | 19 |
| I PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU – A FORTIFICAÇÃO ABALUARTADA | 29 |
| II OS PROJETOS PARA A DEFESA DE ÉVORA NO PERÍODO MODERNO | 63 |
| III A DEFESA DA CIDADE DE ÉVORA – O DEVIR HISTÓRICO, A MALHA URBANA E AS CINTURAS AMURALHADAS | 93 |
| DA CERCA ROMANO-GODA À CERCA FERNANDINA | 93 |
| O REFORÇO ABALUARTADO NO PERÍODO MODERNO EM ÉVORA – DOS PROJETOS AO TRAÇADO EFETIVO | 106 |
| <i>Évora e a Guerra da Restauração (1640-1668)</i> | 106 |
| <i>Os elementos arquitetónicos do período moderno na cerca de Évora: funções e localização estratégica</i> | 116 |
| <i>Os Fortes</i> | 118 |
| <i>Os Baluartes e as Guaritas</i> | 123 |
| <i>As Portas: os elementos modernos na estrutura medieval</i> | 138 |
| IV O CONJUNTO ABALUARTADO DE ÉVORA E O PATRIMÓNIO MILITAR DA CIDADE | 149 |
| CATEGORIA | 151 |
| TUTELA E PROPRIEDADE | 151 |
| ESTADO DE CONSERVAÇÃO | 152 |
| OUTROS ELEMENTOS DO PATRIMÓNIO MILITAR NA CIDADE DE ÉVORA | 153 |
| V CONSIDERAÇÕES FINAIS | 155 |
| FONTES | 157 |
| MANUSCRITAS | 157 |
| IMPRESSAS | 159 |
| CARTOGRÁFICAS | 159 |
| BIBLIOGRAFIA | 161 |
| DOCUMENTÁRIOS | 165 |
| LEGISLAÇÃO | 165 |
| GLOSSÁRIO DOS TERMOS EMPREGUES NO SISTEMA ABALUARTADO | 167 |

LISTA DE ABREVIATURAS

ADE – Arquivo Distrital de Évora

ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo

BA – Biblioteca da Ajuda

BPE – Biblioteca Pública de Évora

CIIC - Comité Internacional de Itinerários Culturais

CME - Câmara Municipal de Évora

DCP – Divisão de Cultura e Património

DGEMN - Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

DRCAentejo - Direção Regional de Cultura do Alentejo

DREMN - Direção Regional dos Edifícios e Monumentos Nacionais

ICOMOS - International Council on Monuments and Sites

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

IIP - Imóvel de Interesse Público

IPPAR - Instituto Português do Património Arquitetónico

MN – Monumento Nacional

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

PREFÁCIO

A obra *O Conjunto Abaluartado de Évora* reflete o interesse que no mundo académico o tema das fortificações abaluartadas vem despertando enquanto reflexo dos progressos técnicos coevos e da circulação de mestres e saberes no mundo europeu e extraeuropeu.

A leitura do presente trabalho permite acompanhar a realidade portuguesa e a sua contextualização europeia no que respeita à implementação do sistema defensivo moderno. Portugal conheceu diversas iniciativas a propósito da confirmação fronteiriça, onde se destacam os trabalhos de Duarte d'Armas em 1509, por mandado de D. Manuel, num levantamento que é hoje imprescindível em diversas áreas, nomeadamente na arquitetura militar e no ordenamento do território. Ao mesmo tempo, e desde finais do século anterior que, em Itália, Filippo Brunelleschi e Leonardo da Vinci, entre outros, apostavam na adaptação das construções fortificadas ao uso da artilharia, surgindo o novo baluarte poligonal que revolucionaria a conceção das fortalezas durante o segundo quartel do século XVI. Benedetto de Ravenna foi, em Portugal, um dos principais responsáveis pela difusão das ideias italianas, encontrando continuidade em Filippo Terzi, nomeado engenheiro e arquiteto-mor de Portugal, dividindo posteriormente os cargos com Leonardo Turriano, que lhe sucederia.

A partir de meados do século XVI assistimos à multiplicação de planos de fortificação em diversas cidades europeias. Propõem-se cinturas de traçados regulares para proteção dos burgos, tendo como ideia base a de que a defesa ideal era a assegurada por planta hexagonal, embora muitas vezes os acidentes de terreno obrigassem a optar pela planta pentagonal. Muitas destas fortificações apresentam planos de transição, com a presença de baluartes

redondos, ainda que adaptados à artilharia. Esta mudança construtiva corporizou-se também em todo o espaço português, no continente e além-mar, num período em que domina, a nível europeu, a circulação de mestres e ideias. A arquitetura e a engenharia foram campos determinantes neste panorama e, no que a Portugal respeita, a presença de italianos, flamengos, franceses, entre outros, foi marcante. A organização geométrica do espaço e os baluartes angulares tiveram vários intérpretes estrangeiros em Portugal a partir de Quinhentos, determinantes na formação dos mestres nacionais e na arquitetura militar portuguesa que se manifestava numa realidade que ultrapassava o contexto geográfico nacional. Esses intérpretes (c. de 100 engenheiros e arquitetos) mantiveram-se em Portugal após o governo dos Filipes, participando, no período da Guerra da Restauração (1640-1668), no reforço da fronteira seca, guarnecendo o litoral apenas de baterias com fins de vigilância e defesa restrita.

Uma nova atitude perante a importância do reforço defensivo germinara com a subida ao trono de D. João IV, em Dezembro de 1640. Estamos também num contexto de grandes alterações a nível europeu no domínio militar, onde se destacam as questões relativas ao recrutamento e treino dos exércitos, ao estudo do território para concurso de obras de fortificação e à construção de novas máquinas para o aproveitamento da tecnologia conhecida. Assim, em Portugal assistimos ao surgir do exército permanente e dos corpos auxiliares, bem como à criação do Conselho de Guerra e da Junta de Fronteiras, com funções bem definidas, no sentido de inspecionar e tratar toda a matéria relativa às fortificações. Este Conselho e esta Junta agiam sobre uma nova geografia política, administrativa mas também militar, ao serem criadas seis províncias militares, cada uma com seu governador, sendo o Alentejo a maior

delas, com mais de vinte e seis mil quilómetros quadrados. Quanto a esta última região, destacam-se as suas características topográficas, que a tornavam vulnerável, reconhecida como *teatro de guerra* nos relatos de viagens; daí a forte concentração de praças entre Moura e Castelo de Vide (respondendo, *grosso modo*, à localização das praças espanholas do lado de lá da fronteira), e a prioridade que conheceu, também durante este período, o reforço defensivo de cidades de interior, como Évora e Beja. A essa concentração correspondeu também uma tipologia diversa, com intervenções distintas, desde o recinto abaluartado integral (Elvas), até à construção de pontos defensivos de menor dimensão (baluartes isolados, fortes, fortins), variando também de acordo com a prioridade do ataque inimigo.

Neste contexto, no Alentejo seiscentista circularam, entre outros, João Pascácio Cosmander (jesuíta neerlandês), Nicolau de Langres (francês), Jean Gillot (holandês), P. Saint-Colombe, o tratadista Manesson-Mallet, todos sob orientação do engenheirmor Charles Lassart. Durante o largo período de conflito entre Portugal e a Espanha (1641-1668), muitos destes engenheiros trabalharam para os dois reinos (Langres, P. Saint-Colombe, Cosmander), sendo que o seu trabalho refletia o abandono do modelo italiano a favor dos modelos nórdicos (escolas holandesa e alemã). Porém, este reforço da raia seca implicava exigência técnica, levando à necessidade de formação de mestres portugueses, que viria a ser delineada por Serrão Pimentel.

É nesta realidade que o caso de Évora é primorosamente analisado na presente obra, tendo em atenção trabalhos anteriormente produzidos. De facto, a Autora de *O Conjunto Abaluartado de Évora* analisa as particularidades dos baluartes modernos da cidade enquanto reforço de elementos defensivos anteriores trazendo para o debate historiográfico atual novos

documentos sobre a temática. No trabalho agora apresentado é dado especial realce às distintas propostas para o sistema defensivo de Évora do período moderno, muito especialmente entre Colombe e Serrão Pimentel, não esquecendo projetos anteriores e intervenções posteriores (Lassart e Langres, cada um com dois projetos, Simon Jouquet, Jean Brivois, Silincourt, Victório Antóni Ache, Manuel de Azevedo Fortes, Filipe Carneiro de Alcáçova, Carlos José Charpentier, Filipe J. Gavaux e Frederico Jacob Weinholtz), tendo sido executado o projeto de Serrão Pimentel. Sublinhemos que, no panorama do século XVII, a obra de Pimentel corresponde a um momento de viragem em que, em termos de paradigma construtivo, o modelo italiano foi sendo substituído pelos tratados provenientes dos Países Baixos. O *Methodo Lusitânico*, obra de sua autoria e publicada postumamente em 1680, permite refletir sobre as influências europeias na ciência em Portugal no século XVII através da primeira obra escrita em português e por um português sobre a fortificação moderna. Luís Serrão Pimentel, reunindo a dupla função de cosmógrafo e engenheiro-mor do reino, lente da *Aula de Fortificação e Architectura Militar, surgida em 1647* no contexto da Guerra da Restauração e por ele sugerida ao monarca, que procurava *não só formar* teoricamente, mas também acompanhar os formandos na prática, sobretudo no que concerne aos projetos de fortificação. Serrão Pimentel apresenta-se-nos como um grande matemático, formado no Colégio de Santo Antão por especialistas como o flamengo João Cosmader e o italiano Simão Falónio. Era conhecedor das obras mais recentes no domínio a nível europeu, sabendo utilizá-las na prática e justificando as suas escolhas, depois de analisar e criticar os métodos, propondo mesmo novos procedimentos para favorecer a utilidade da matemática. Sublinhemos que a defesa dos princípios exarados por Pimentel na sua obra resulta da sua

experimentação no terreno, da experiência portuguesa a esse nível, mas também da sua atualização teórica em termos europeus. Na presente obra refere-se ainda a atividade de campo de Pimentel no Alentejo, delineando o castelo de Montemor-o-Novo, a praça de Évora e algumas fortificações de Estremoz, e participando nos trabalhos de reconstrução/modificação de muitas praças como Vila Viçosa, Terena, Monsaraz, Elvas, Campo Maior, Avis, Crato, Portalegre, Alegrete, Marvão, Castelo de Vide e Niza.

A questão dos sistemas abaluartados no Sul de Portugal tem vindo a ganhar importância sob perspetivas diversas, de que destacamos o projeto *“Territorio y Ciudades Abaluartadas en la Raya Ibérica: de Frontera a Paisaje Cultural de la Humanidad”*, que surgiu na década de 80 do século XX, e o reconhecimento como Património Mundial pela UNESCO, em 2012, do maior conjunto de fortificações abaluartadas do mundo albergado pela cidade de Elvas, classificação que inclui o centro histórico da cidade. Também o ICOMOS, através do CIIC (Comité Internacional de Itinerários Culturais), reconhece a importância das fortificações como um ramo do património construído e de circulação do saber de carácter global, organizando territórios e testemunhando intercâmbios culturais diversos, realçando os casos de Portugal e Espanha, em que as suas Escolas e os seus mestres foram os que primeiro se impuseram fora do continente europeu, organizando e defendendo territórios. Desta forma, considera-se que as fortalezas e cidades fortificadas, compreensíveis apenas se em leituras integradas dos sistemas defensivos de uma determinada região, permitem a conceção de itinerários interpretativos diversos, essencialmente em função da história e dos territórios de implantação.

Assim, analisar as construções defensivas de um determinado local impõe o conhecimento da sua história, nomeadamente a nível

bélico e militar: conquistas, batalhas, cercos, tornam-se marcos essenciais nessa compreensão, ajudando a clarificar a *importância histórica* desse mesmo local. Descrições desse sítio e da sua realidade demográfica, económica, social e política ajudam, por outro lado, a entender a sua *história militar*, que, por sua vez, nunca se deve apartar do entendimento dos contextos, nacionais e internacionais, que lhe subjazem. Essas descrições não devem também alhear-se de realidades paralelas, como foi o caso, para o período moderno, da importância adquirida pelos engenheiros militares nos contextos europeu e ibérico, formando uma corporação técnica e militar de grande interesse, com o apoio da Coroa.

A obra *O Conjunto Abaluartado de Évora* procura atender a todas estas questões e vem contribuir decisivamente para o entendimento da importância político-administrativa e estratégica da cidade de Évora no período da Guerra da Restauração, período que correspondia já, em termos de história da cidade, aos inícios da sua periferização, tendo em atenção o período áureo que o século XVI particularmente representou.

Antónia Fialho Conde

INTRODUÇÃO

Nesta obra aborda-se o sistema abaluartado de Évora enquanto testemunho da engenharia e da arquitetura militares coevas e, ao mesmo tempo, como um testemunho histórico/cultural. Reflete-se sobre a temporalidade em que o mesmo foi projetado e delineado¹, bem como a importância que o mesmo possui num tempo recente, testemunhando o seu carácter histórico e arquitetónico numa cidade classificada como Património da Humanidade desde 1986.

Pretende-se também contribuir para a reflexão acerca do crescimento da malha urbana e a sua relação com os trechos abaluartados.

Foi essencial recorrer a estudos que privilegiam os engenheiros militares, assim como os que incidem sobre o sistema abaluartado; para além dos trabalhos sobre a Guerra da Restauração. Foi ainda utilizada bibliografia diversa sobre a cidade de Évora, dando-se destaque àquela que trabalhava diretamente as muralhas de Évora.

Sobre os engenheiros militares e o desenvolvimento do sistema abaluartado, fazemos notar Mário Jorge Barroca, que no artigo datado de 2003, intitulado «Tempos de Resistência e Inovação»², descreve a evolução da arquitetura militar portuguesa no decorrer do reinado de D. Manuel I, época conhecida como período

¹ O Conjunto Abaluartado de Évora foi projetado como sendo uma solução moderna para a neutralização das várias ameaças que Portugal sofreu durante a Guerra da Restauração (1640-1668).

² Mário Jorge Barroca, *Tempos de Resistência e Inovação: a arquitetura militar portuguesa no reinado de Manuel I (1495-1521)*, Portvgalia, Nova Série, vol. XXIV, 2003.

de transição, quando se deu a adaptação de algumas fortificações medievais à nova artilharia, dando as bases para a evolução do sistema abaluartado. É também de destacar Antónia Fialho Conde, que no artigo «Alentejo (Portugal) and the scientific expertise in fortification in the modern period: the circulation of masters and ideas»³, destaca o surgimento de teorias referentes ao sistema de fortificar do período moderno, e de que forma estas foram influenciando os engenheiros militares. Neste contexto, refere-se também Margarida Valla, com o seu trabalho *Os Engenheiros militares no planeamento das cidades: entre a restauração e D. João V, 1640-1750*⁴, que nos indica que a fortificação abaluartada se procurou afirmar, sendo que a matemática e a geometria prática serviram de base aos modelos defendidos pela engenharia militar, inseridos na ideia de que a prática tinha de ser regulamentada pela teoria. Também foi essencial o trabalho de Alexandre Martins Ferreira, intitulado *Luís Serrão Pimentel (1613-1679): Cosmógrafo Mor e Engenheiro Mor de Portugal*⁵, que nos revela dados biográficos importantes de Luís Serrão Pimentel, relacionados com a sua formação em engenharia, e menciona alguns dos serviços que o mesmo (e a equipa que dirigia) prestou na arte da fortificação de que destacamos os relativos ao Alentejo. O mesmo Autor elucida-nos,

³ Antónia Fialho Conde, «Alentejo (Portugal) and the scientific expertise in fortification in the modern period: the circulation of masters and ideas», in ROCA-ROSELIL, A. (ed.).(2012) *The Circulation of Science and Technology: Proceedings of the 4th International Conference of the ESHS, Barcelona, SCHCT-IEC, 18-20 November 2010*, pp. 246-252.

⁴ Margarida Valla, *Os Engenheiros militares no planeamento das cidades: entre a restauração e D. João V, 1640-1750*, Tese de Doutoramento em História – História de Arte, Faculdade de Letras, 2008.

⁵ Alexandre Martins Ferreira, *Luís Serrão Pimentel (1613-1679): Cosmógrafo Mor e Engenheiro Mor de Portugal*, Tese de Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão, Faculdade de Letras, 2009.